

DIVULGAÇÃO/ANDRE WANDERLEY

SILVIO ESSINGER
silvio.essinger@oglobo.com.br

Com um olho na ampliação do público e outro nas possibilidades de renovação de seus próprios talentos, os espetáculos musicais brasileiros têm deixado um pouco de se orientar pelos valores da Broadway e apostado mais em histórias nacionais. Basta consultar a programação do Rio de Janeiro, que, depois de temporadas recém-encerradas de “Viva o Povo Brasileiro” (no Teatro Carlos Gomes) e “Nossa história com Chico Buarque” (no Teatro Riachuelo, mas a caminho de São Paulo), ferve agora com “Vital, o musical dos Paralamas”, “Tom Jobim Musical”, “Rio Uphill” e “Aquele abraço”, o show que resume a história da música brasileira após os sofisticados jantares do Roxy Dinner Show.

Junte-se a esses o musical do Rock in Rio (da dupla Charles Möeller & Claudio Botelho, que estreou em setembro, no festival, e em 11 de janeiro próximo, dia em que o RiR completa 40 anos, começa temporada na Cidade das Artes) e tem-se um movimento com tudo para rivalizar com o do mercado de shows de artistas. Quer dizer: nem tanto assim rivalizar, mas complementar, como observa Gustavo Nunes, idealizador, junto com Marcelo Pires (parceiro na produtora Turbilhão de Ideias), de “Vital, o musical dos Paralamas”, que fica até dia 24 no Teatro Claro Mais e depois sai em turnê.

RESISTÊNCIAS

Bem-sucedidos com “Cássia Eller — O musical” (que no fim de semana passado completou dez anos em cartaz, tendo passado por 26 estados do país, além do Distrito Federal) e preparando para o ano que vem um espetáculo baseado na vida e nas canções de Djavan (com direção de João Fonseca, o mesmo de “Tom Jobim Musical”), Gustavo e Marcelo enfrentaram reticências de Zé Fortes, empresário dos Paralamas do Sucesso, quando vieram com a ideia do musical sobre essa banda que ainda faz muitos shows Brasil afora.

— Eu falei: “Mas é por isso mesmo *(que a gente deve fazer esse musical)*!” A gente tem que homenagear quem também está aqui, circulando. E não tem competição, porque show é uma coisa, e teatro musical é outra. Na verdade, um ajuda o outro — argumenta Gustavo Nunes. — Quando o público vai a um show dos Paralamas, quer ouvir as músicas e ver os próprios Paralamas. Aqui, eles querem saber da história, do que aconteceu. São universos muito diferentes.

Vital, o primeiro baterista dos Paralamas, que logo no começo da banda deu lugar a João Barone, é o personagem lúdico que, no musical, ajuda o cantor, guitarrista e compositor Herbert Vianna a contar as suas memórias. Assim como em “Cássia Eller”, Gustavo não quis contar com nomes consagrados do teatro musical para estrear o espetáculo. Para viver os integrantes dos Paralamas, ele foi atrás de novos talentos.

— A gente não estava nem tão preocupado que o ator fosse exatamente igual ao personagem, nossa preocupação era mais a energia, da identificação com aquela figura que está ali no palco — conta Gustavo Nunes, que se espantou particularmente



TEMPORADA CONSAGRA ESPETÁCULOS MÚSICAIS QUE REVEEM TRAJETÓRIA DE ARTISTAS NACIONAIS, CELEBRAM DIVERSIDADE DO BRASIL E REVELAM TALENTOS

com o Herbert Vianna de Rodrigo Salva, ator de 36 anos, que participava de um coletivo independente de teatro e nunca achava que fosse participar de um musical.

Por insistência de um amigo, Rodrigo fez um teste e acabou ganhando o papel do jovem Rei Arthur no musical “Merlin e Arthur, um sonho de liberdade”, estrelado pelo cantor Paulinho Moska. Foi isso (e o fato de já tocar guitarra em bandas desde os 12 anos) que o animou a participar das audições para “Vital”, que exigiam atores capazes de tocar instrumentos, já que a

música do espetáculo seria feita em cena.

— O bichinho do teatro me levou para fora da música e agora estou voltando *(risos)*! — comemora Rodrigo. — Procurei um Herbert que veio através da música, comecei a estudar as músicas dos Paralamas e tentei entender o estilo dele de cantar, que é um registro muito específico, dos anos 1980, que vem de muitas influências. Depois vieram os documentários, as histórias. O Herbert é taurino, um cara com personalidade forte. E depois teve o sotaque de Brasília, que é meio aberto, meio fechado.

Apesar de ter o consagrado e conhecido Otávio Muller como o Vinicius de Moraes que narra a história, “Tom Jobim Musical” (escrito por Nelson Motta e Pedro Brício, em cartaz no Teatro Casa-grande até 23 de fevereiro) também optou por um nome pouco conhecido do grande público para viver o protagonista: Elton Towersey, de 29 anos, que começou aos 13 em “A noviça rebelde” e aí foi emendando um musical no outro, em pequenos papéis.

‘SÍNDROME DO IMPOSTOR’

Em 2019, aproveitando seus dotes musicais de pianista autodidata, Elton começou a compor para o teatro musical, em “Se essa lua fosse minha” e a electro-ópera “Iron — O homem da máscara de ferro” (que lhe valeu o prêmio Bibi Ferreira de melhor composição), e “Itapuca — O musical”. Desencantado do trabalho de ator, e empenhado em montar um musical, ele nem ia mandar material para a audição de Tom Jobim, que procurava para o Tom um ator que soubesse cantar e tocar piano e violão (“não sabia se tinha chance”, admite ele, que mesmo assim mandou o material e foi o escolhido).

— Todo dia entro em cena com medo. Como dar vida a essa figura que todo mundo conhece e ama? Todo dia estou tentando achar o Tom, e peço muita ajuda para Otávio Muller. E aí bate aquela sín-

drome do impostor: “Você só está aí porque sabe tocar piano!” *(risos)* — diz Elton, que fica em cena por quase todo o tempo do longo espetáculo. — “Tom Jobim Musical” é um híbrido da beleza e da potência explosiva da Broadway, que é de onde eu vim, com a elegância do Tom. É bom, porque ele consegue agradar todo mundo, até quem tem preguiça de musical.

Para Barbara Guerra, que produz o musical junto com o sócio Júlio Figueiredo e o empresário Luiz Oscar Niemeyer, da produtora Bonus Track, “quando o musical, seja internacional ou nacional, envolve a figura de um artista da música que fez história, isso acaba trazendo um público que não está acostumado a ir ao teatro”.

— É uma forma de furar a bolha — diz ela, que já tinha feito musicais sobre os 50 anos da Tropicália e sobre a apresentadora Hebe Camargo. — A gente estava buscando novos nomes e novos conteúdos para voltar com um musical e resolvemos pensar em alguma coisa brasileira. E aí lembramos do Tom Jobim, que é representado em alguns musicais, mas ninguém nunca tinha contado a história dele com protagonismo. A ideia era que fosse algo grandioso, de alto nível, que representasse a sofisticação de Tom.

ARTE DE CANTAR
HISTÓRIAS, NA PÁGINA 2



DIVULGAÇÃO/CAIO GALLUCCI